



Racismo e violência: a cidade desde a literatura ficcional contemporânea

Racism and violence: the city from contemporary literature

Eber Pires Marzulo  

eber.marzulo@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FA-UFRGS

 10.52521/21-8645

Leonardo Oliveira Sassi  

leonardo.o.sassi@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PROPUR-UFRGS

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 24/08/2022

Aprovação do trabalho: 28/05/2023

Publicação do trabalho: 10/07/2023

Resumo

Propõe-se a investigação das relações entre espaço, racismo e violência enquanto problemática da cidade contemporânea, através da análise de obras ficcionais tomadas como discursos com potência instauradora da realidade. Analisam-se as obras *Marrom e amarelo*, de Paulo Scott (2019), *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório (2020) e *Os supridores*, de José Falero (2020). Como método, descreve-se as condições sócio-demográficas, posição cartográfica e as paisagens dos lugares acionados nas obras, demonstrando a capacidade heurística da análise da ficção no campo dos estudos sócio-espaciais. Tem-se implicações epistemológicas, desde o reconhecimento da arte como constituinte da problemática sócio-espacial, superando a posição subordinada à legitimidade científica e paradigma representacional. Porto Alegre como lócus se torna relevante porque os estudos espaciais sobre a cidade historicamente ignoram a racialidade de sua segregação socioespacial. Também se analisa a relação direta entre segregação socioespacial racializada e violência. O artigo apresenta três níveis: 1) epistemológico, ao instaurar obras literárias ficcionais como referências para a investigação sócio-espacial; 2) demonstrativo, ao descrever características racializadas da segregação sócio-espacial; 3) relacional, ao situar a relação entre segregação espacial racializada e violência.

Palavras-chave

Segregação Sócio-Espacial. Racialismo. Estrutura Urbana. Giro Linguístico. Porto Alegre.

Abstract

It is proposed to investigate the relationship between space, racism and violence as a problem in the contemporary city, through the analysis of fictional works taken as discourses with the power to establish the reality. The literary works *Marrom e amarelo* (Phenotypes) by Paulo Scott (2019), *O avesso da pele* (The flipside of skin) by Jeferson Tenório (2020), and *Os supridores* by José Falero (2020). Methodological, it describes socio-demographic conditions and the cartographic position as also the landscape of the places setting in the works, evidencing the heuristic power taken to analyze fiction in the field of socio-spatial studies. It has epistemological implications, from the recognized of art as constituent of the socio-spatial problematic, thus overcoming the position analytically subordinate to scientific legitimacy and representational paradigm. Porto Alegre, as locus, becomes significant because the spatial studies historically have ignored racialized aspects of its socio-spatial segregation. Also it analyzes the direct relationship between violence and socio-spatial segregation. The article presents three levels: 1) epistemological, when establishing literary works as a reference to socio-spatial research; 2) demonstrative, to describe racialized aspects to socio-spatial research; 3) relational, to setting the relationship between racialized spatial segregation and violence.

Keywords

Socio-Spatial Segregation. Racialism. Urban Structure. Linguistic Turn. Porto Alegre.

Introdução

Embora não se encontre uma literatura analítica no campo dos estudos urbanos estabelecida sobre a função de obras literárias ficcionais na constituição do espaço, em particular o espaço urbano, tal como temos nos estudos clássicos de sociologia de Candido (2004 [1993]) à Schwarz (2000 [1977]) e Wisnik (2008), a questão urbana não deixa de ser abordada com centralidade nesses clássicos de interpretação da sociedade brasileira e alhures. A ideia de interpretação aqui se articula com a clássica formulação sobre a existência de obras referenciais e seminais de interpretação do Brasil tratados, conforme Cardoso (2013), como inventores do Brasil. Obras teóricas e ensaísticas que ao apresentarem aspectos e funcionamentos constitutivos da sociedade brasileira as instauram fundamentando o estabelecimento da sociedade nacional, a partir de obras literárias ficcionais, assim como de outros âmbitos das artes, em especial as visuais, como fontes de interpretação para a constituição da sociedade nacional. Uma literatura interpretativa de caráter instaurador da sociedade nacional tornando a expressão artística constituinte da ideia de nacionalidade não só por sua função de difusora da linguagem comum, através do acesso ao idioma e suas possibilidades linguísticas, como também por definir a paisagem, agentes, conflitos e espaços formadores da sociedade, no caso a brasileira.

Assim, parece intrínseca a ideia derivada, em especial a partir da virada linguística wittgensteiniana (WITTGENSTEIN, 2002 [1921]), que tais elaborações artísticas com relevância na formação cultural, no que se poderia dizer em movimento constituinte das sociedades nacionais ao estabelecer um idioma e suas variações tanto como um padrão cultural antropológico-sóciohistórico-espacial, ao mesmo tempo instauram um amálgama societário capaz de permitir um autorreconhecimento entre os agrupamentos sociais como pertencentes a uma sociedade nacional, através da unidade idiomática, mitos de origem, povos constituintes, agentes sociais e paisagem. A literatura ficcional se torna constitutiva da sociedade nacional através da afirmação e reconhecimento desta função atribuída por uma literatura interpretativa das sociedades nacionais em procedimento clássico dos estudos sociológicos. A literatura ficcional configuraria então uma sociedade, desde o reconhecimento de tal função pela literatura interpretativa, no caso brasileiro pelos chamados inventores do Brasil (CARDOSO, 2013).

No entanto, embora essa relação circular de reconhecimento da relevância da literatura ficcional pela literatura interpretativa no estabelecimento dos aspectos constitutivos das sociedades, a literatura interpretativa em geral apresenta uma abordagem representacional, nesse sentido pré-virada linguística (WITTGENSTEIN, 2002) e assim afirmando uma filiação à tradição epistêmico-filosófica platônica ainda hegemônica

no ocidente e em suas áreas de influência cultural. A literatura ficcional, mesmo sendo tomada como fonte para a invenção da sociedade nacional, é tratada como mera representação dessa sociedade. Abordagem que volta e meia traz até mesmo nos mais brilhantes autores a desgastada e no limite equivocada metáfora do espelho, deixando escapar nível analítico contemporâneo latente ao não reconhecer a literatura ficcional como discurso constitutivo, que a própria literatura interpretativa sociológica aponta intrinsecamente ao estabelecer a potência dos estudos sobre a literatura ficcional e a arte em geral para fundamentar a interpretação realizada das sociedades nacionais enquanto peculiares. O entendimento das obras ficcionais como espelho da sociedade, e assim chave interpretativa representacional, se embaça, pois, a justificativa para os estudos das obras literárias ficcionais como central para a interpretação das sociedades nacionais as aponta com capacidade para desvelar, revelar, reconhecer algo inapreensível de outra forma e assim constituírem uma ideia das dinâmicas e características destas sociedades e seus agrupamentos. Os estudos da literatura interpretativa de invenção do Brasil de obras literárias alcançariam aspectos inapreensíveis de outra forma, pois situados fora do alcance das dinâmicas e até mesmo processos sócio histórico-territoriais captados através de critérios descritivos e legitimados pelo conhecimento científico de cada época. No entanto, tais interpretações de obras ficcionais funcionam além e aquém da inserção de aspectos não alcançados pelos critérios científicos, na medida em que estabelecem parâmetros analíticos para o levantamento de dados ao mesmo tempo em que atribuem sentido às análises de dados descritivos.

É através da literatura interpretativa, desde análise de obras ficcionais, que se tornam reconhecíveis e difundidos aspectos da sociedade, estabelecendo uma ideia de sociedade nacional. Desde a virada linguística (WITTGENSTEIN, 2002) e, em chave mais contemporânea, da virada visual de Jay (2003) pode-se propor como subjacente à abordagem dos estudos interpretativos o reconhecimento que as obras ficcionais têm potência discursiva constitutiva da própria ideia de sociedade nacional, tanto quanto as próprias obras dos inventores do Brasil (CARDOSO, 2013), logo, não se tratando em nenhum dos casos de uma representação da sociedade, pois não sendo reflexo de coisa alguma - coisa no sentido forte de *physis*. Se a existência dos aspectos característicos das sociedades nacionais são reconhecidos por um hipotético espelhamento de algo inapreensível, parece razoável supor que são tais discursos antes parte do processo de constituição da própria coisa, cujo estabelecimento e reconhecimento, aliás, ocorrerá através da legitimação dada também pela literatura, porém interpretativa. No caso específico da literatura ficcional, através de obras legitimadas pelo sistema literário cuja composição inclui o sistema de ensino, de bibliotecas e mercado editorial, constituindo núcleo duro da configuração societária nacional ao definir simultaneamente o idioma e

suas possibilidades de variações tanto quanto seus mitos de origem e imagem espacial (CANDIDO, 2017 [1957]).

Embora o desvio representacional que pressupõe uma realidade de primeira instância, todavia por princípio inabordável e inapreensível assumido pela literatura interpretativa, serão as obras artísticas, com especial relevância as literárias, que orientarão profundamente os inventores do Brasil (CARDOSO, 2013). Em particular, entende-se Candido (2004) e Schwarz (2000) como fazendo parte do leque definido como inventores do Brasil, pois consagrados como tendo estabelecido de modo seminal a investigação da literatura ficcional como central para o entendimento das sociedades nacionais. Das sociedades nacionais, no plural, pois Candido (2004) vai além da análise do funcionamento da sociedade nacional brasileira chegando a francesa, russa e italiana, enquanto Schwarz (2000) estabelece uma até hoje incontornável e atual discussão sobre o liberalismo na formulação já clássica do lugar das ideias na sociedade brasileira, a partir da análise das obras de Machado de Assis. Em alguma medida, é no interior dessa tradição, e ao mesmo tempo buscando superar sua limitação representacional, que o presente artigo se insere. No entanto, estabelece-se um viés em que a espacialidade assume centralidade e o espaço passa a orientar as questões constituídas pela obra, logo, constituintes das sociedades em análise, e não mais cenário onde as ações e sujeitos atuam. Aliás, tal viés já se encontra em alguns dos artigos apresentados na literatura interpretativa trazida à luz, em particular em Degradação do espaço (CÂNDIDO, 2012 [1972]) em que a minuciosa análise espacial chega a detalhes internos de edifícios e cômodos praticamente tomando a arquitetura e o *design* de interiores para orientar o funcionamento social dos pobres na sociedade francesa do século XIX.

Se características da cidade contemporânea ocidental como a segregação sócio-espacial e a violência vêm sendo nas últimas décadas estabelecidas a partir da descrição e detalhamento do espaço dos pobres na literatura ficcional e, com particular ênfase e repercussão, em obras audiovisuais (MARZULO, 2005), ainda não se encontra nos estudos espaciais brasileiros um campo estabelecido que tome a literatura ficcional ou mesmo obras de arte em geral como produções instauradoras da problemática urbano-espacial contemporânea, apesar de série de estudos relevantes como os de Pechman (2017) e Kuster (2007).

De cidade sede do Fórum Social Mundial e formuladora do Orçamento Participativo, ou mesmo antes como capital marcada por características europeias ou ainda estabelecida como tendo níveis mais altos de civilidade em função de hipotética formação cultural mais elevada derivada do peso das imigrações europeias ocidental, em particular alemã e italiana, construção que já apontava para uma questão submersa e praticamente interdita na análise urbana, a saber, o racismo como elemento cons-

tituidor da organização sócio-espacial da cidade, a Porto Alegre do século XXI emerge na literatura contemporânea como racista, violenta e com segregação sócio-espacial altamente racializada. Um racismo e violência que se associam na constituição de sua estrutura e dinâmica urbana.

Três obras lançadas talvez não por acaso entorno ao período da pandemia de COVID-19, que deveria ter sido de contenção de contatos sociais, no ano de 2020 e final de 2019, constroem uma Porto Alegre até agora inenarrável e, logo, até pouco irreconhecível, em última instância inexistente aos olhos de seus intérpretes consagrados, fora louváveis exceções como os estudos de Pesavento (1999; 2008) e Vieira (2017). Marrom e Amarelo de Paulo Scott (2019), O Averso da Pele de Jeferson Tenório (2020) e Os supridores de José Falero (2020) surgem para estabelecer desde a ficção literária uma Porto Alegre da qual poucos e reduzidos estudos acadêmico-científicos (MARZULO, 2009; GAMALHO; HEIDRICH, 2008) se aproximavam, mas sem poderem acertar no ponto nevrálgico em que racismo, violência e segregação urbana se encontram, pois até então ainda sem traços e parâmetros construídos. Além de apontar como as três obras em análise constroem a existência desses aspectos racistas e violentos associados à segregação urbana em Porto Alegre, tais aspectos funcionam como parâmetros para uma investigação imagética, cartográfica e de dados sócio demográficos sobre os lugares apresentados nas obras.

Como propõe Becker (1999; 2009) não se estabelece distinção nem hierarquização das fontes *a priori*, tendo como eixo analítico as obras ficcionais para, a partir destas, agregar dados consagrados pelo discurso científico estabelecido como afirmadores da veracidade. Inverte-se assim a tendência hegemônica da ciência ocidental afirmando a potência instauradora da *poesis* como núcleo constitutivo do funcionamento e configuração societária, tal qual historicamente se identifica na literatura interpretativa sociohistórica, desde as obras de arte. O balizamento difuso na constituição da sociedade nacional pelas obras de arte aqui orienta de modo explícito o levantamento de dados consagrados pelo *mainstream* científico, como as descrições desde dados sócio-demográficos, levantamentos cartográficos e fotográficos. Tem-se uma estratégia analítica afirmadora de abordagem fundada no paradigma do giro linguístico wittgensteiniano (WITTGENSTEIN, 2002), logo, de reconhecimento da potência instauradora dos discursos.

Ainda em consonância com a problemática epistemológica contemporânea se estabelece conexões interseccionais entre racismo, violência e segregação sócio-espacial, tomando como unidade espacial mais pertinente e concisa para a abordagem interseccional a Unidade de Desenvolvimento Humano - UDH, na medida em que desagra unidades espaciais histórico-culturais como bairros com base em similaridades

sócio-demográficas. Os espaços territorializados pelos atores nas obras se apresentam pela descrição de suas características sócio-demográficas e espaciais; por narrativas visuais existentes, através de fotografias; e sua distribuição no território da cidade pela cartografia. A Porto Alegre racista, violenta e segregada sócio-espacialmente de Marrom e Amarelo (SCOTT, 2019), O Averso da Pele (TENÓRIO, 2020) e Os supridores (FALEIRO, 2020) assume dimensão analítica desde dados, mapas e imagens.

Além desta Introdução (1), o artigo conta com mais duas seções e a Conclusão. Na seção seguinte (2), (Re)conhecendo os lugares da segregação espacial racializada na cidade, em (2.1) localiza-se os lugares das ações dos atores, e também o tipo de ação espacializada; e em (2.2) apresenta-se a territorialização em termos cartográficos; tipologia-morfologia-funcionalidade, através de fotografias públicas das áreas; e dados sócio-demográficos, desde as UDH. Na seção (3), A segregação sócio-espacial racializada em Porto Alegre, amplia-se a escala de análise para a dimensão do município, em (3.1) apresentando-se dados cartografados de toda a cidade, visando constituir uma análise comparativa da distribuição espacial das territorializações produzidas pelas ações nas obras literárias; e (3.2) estabelecendo a relação com o conjunto da cidade permite entender aspectos da estrutura e dinâmica urbana através da narrativa jornalística sobre os bairros. Na Conclusão (4), estabelece-se a relação entre estrutura urbana segregada racialmente e dinâmica urbana violenta e a constituição sócio-espacial de mecanismo de reprodução de desigualdades na cidade de Porto Alegre, desde a potência da análise de obras ficcionais como instauradoras de novas abordagens para os estudos urbanos.

(Re)conhecendo os lugares da segregação espacial racializada na cidade

Ações, atores e espaços constitutivos das obras são tomados desde a relação entre características dos atores, em termos socioeconômicos; tipologia das ações que formam a trama e conflitos (amor, trabalho, diversão, violência); e os espaços das ações configurando processos de des-re-territorialização (HAESBAERT, 2004) dos atores. A partir desta descrição das ações, apresenta-se uma cartografia das territorializações, a imagem da paisagem em termos tipo-morfológico-funcional, e as características sócio-demográficas da população dos territórios na territorialização das ações. A seção está dividida em 2 subseções, sendo a primeira As obras: atores, ações e espaços (2.1); e a segunda Descrevendo informações (2.2).

As obras: atores, ações e espaços

No romance de Scott (2019) Marrom e Amarelo, o protagonista Federico, um reconhecido pesquisador das questões ligadas à problemática do *colorismo*, relativa a distinções dos tons de pele da população negra no campo da temática racial, coloca a sobrinha Roberta presa em uma manifestação antigoverno em contato com uma psicóloga sua ex-namorada. Depois do encontro com Roberta, a psicóloga Bárbara avalia que se trata de uma geração que alcançou alto grau de compreensão das desigualdades que mesmo eles (Roberta e Federico) não alcançariam sem muitas formulações. São esses personagens centrais que polarizam as ações em que, aos poucos, a cidade vai sendo evidenciada de forma bastante precisa com nomes de ruas, bairros e esquinas, tornando nítidos os momentos de mudança de contexto sócio-espacial, conforme o desenrolar da ação. Tais mudanças de contexto também estão associadas a diferentes temporalidades trazidas à memória de Federico em seu retorno à cidade. No bairro Partenon, na esquina da Avenida Bento Gonçalves com a Rua Humberto Campos, perto da Rua Coronel Vilagran Cabrita, onde Federico viveu grande parte da sua vida, fica o Xis (diminutivo derivado de X-burger) do Bodinho. Em breve descrição do local onde está o trailer frequentado até a juventude aparecem aspectos das condições socioespaciais do entorno como a relação entre espaços da precariedade urbana e violência.

“Tenho medo não por causa do Bodinho, o Fernando, proprietário do trailer, que é um cara amigoso, gente fina, como gente fina também são as duas funcionárias dele, a Salete e a Mara, não por causa do trailer ficar no terreno do lado sul da Bento Gonçalves, o lado barra-pesada, da Bento, o lado do morro, ao pé do morro, o lado das vilas, dos becos, das malocas...” (SCOTT, 2019, p.17).

Embora situado em área pericentral, o bairro Partenon ao longo do século XX se tornou uma referência de bairro popular, em especial por um conjunto de favelas, chamadas de vilas no linguajar gaúcho, na região de morro nos limites com o bairro da Glória, e em seu limite leste. Tais áreas do bairro foram sendo constituídas como territorialidades associadas à cultura popular afro-brasileira e, também, da criminalidade violenta relacionada ao tráfico. O Xis se localiza na parte baixa, mas no lado das ruas que sobem em direção ao topo dos morros onde se concentram as vilas. A construção narrativa sobre o Xis do Bodinho e seu entorno o constituem em um lugar das classes populares, mas em uma posição intermediária entre as periferias e o centro, social e espacialmente. Tal situação fica mais evidente quando analisamos o lugar identificado na obra como das classes dominantes, demonstrando como a fragmentação social também se expressa na organização dos espaços da cidade.

Ao tratar do lugar identificado como das classes dominantes, apresenta o bairro

Moinhos de Vento, mais especificamente o clube social Associação Leopoldina Juvenil na Rua Marquês do Herval. As memórias narradas colocam o corpo negro de Frederico como central na forma de sua inserção no ambiente elitizado do clube e bairro, tornando-o um sujeito indesejado e não pertencente ao lugar constituído como dos brancos.

“Fundada por imigrantes alemães na segunda metade do século XIX, a Associação Leopoldina Juvenil é considerada o clube social mais elitizado de Porto Alegre e também o mais rigoroso quando o assunto é a entrada de não sócios nas suas dependências.” (SCOTT, 2019, p.46).

Na zona norte de Porto Alegre ocorre o assassinato de um professor de literatura durante uma abordagem policial que poderia ser considerado apenas um acidente, mas a tragédia não tem nada de aleatória quando os confrontos em áreas de tráfico com suas balas perdidas sempre acham o mesmo alvo, mais uma vez perfurando fatalmente um corpo negro. Esse o núcleo da narrativa em *O Averso da Pele* (2020) que concentra a ação em bairros centrais, em especial o Bom Fim, onde fica o campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e sua principal avenida, a Osvaldo Aranha; e a Bom Jesus, bairro popular à nordeste, que tem como seu núcleo de reconhecimento e concentração populacional a Vila Bom Jesus; além de cidades da região metropolitana limítrofes com a zona norte de Porto Alegre. A narrativa remete a referências da própria literatura ao apresentar um homem negro professor de literatura em escola pública, cuja história narrada pelo filho é de aniquilamento existencial devido a sua condição sócio-racial. No apartamento do pai assassinado na referida abordagem policial, Pedro, o jovem filho de 22 anos, passa a transformar os pertences do ausente pai em pertencimento e presença. A perda do pai se converte em potência e o assassinato de Henrique se torna o desfecho da trajetória de Pedro atravessada por situações semelhantes, em maior ou menor grau, àquelas que levaram a morte do pai. Enquanto o filho Pedro carrega uma revolta evidente, porém elaborada em outros termos que a construída pelo próprio como sendo a do pai, estabelece uma ética para o que cria e inventa, a despeito do testemunhado desde os objetos e as lembranças derivadas, a partir da reflexão de afetos alheios através dos seus. A posição social do negro emerge como estando em qualquer espaço da cidade em lugar de subordinação, pois o corpo negro carregaria em si, desde a perspectiva racista, a possibilidade de opressão e exploração, até mesmo nas periferias com população majoritariamente negra.

“[...] vocês chegaram à casa da sua avó Julieta, na Vila Bom Jesus, um bairro grande de Porto Alegre. Na época, também era um dos mais violentos. E você sentiu isso na pele logo nos primeiros dias, quando você e suas irmãs foram brincar na frente de casa, com uma bola de futebol que você tinha recém ganhado, e nem perceberam quando um bando de garotos, um pouco mais velhos que você, se aproximou. [...] Um deles mandou você entregar a bola

sob a ameaça de levar uma pedrada na cabeça. [...] Suas irmãs gritaram por socorro e então o mais velho mandou elas calarem a boca, suas neguinhas de merda, e eles as empurraram também.” (TENÓRIO, 2020, p. 80-81).

Percebe-se assim que o racismo está presente em todos os lugares da cidade, como elemento constituinte do imaginário urbano porto-alegrense, porém apresentando diferentes intensidades. “Foi caminhando de mãos dadas com ela, pela rua da Praia, no centro de Porto Alegre, que você começou a notar os olhares, às vezes acompanhados de piadas racistas.” (TENÓRIO, 2020, p.28.). Olhares e comentários que intervêm de forma indireta na experiência urbana deste sujeito negro em espaços heterogêneos como os bairros centrais, explicitando, por intervenções diretas e hostis, a posição subordinada de corpos os negros nos lugares das classes dominantes.

“Vocês combinaram de fazer isso na casa dele, porque na escola poderia ter uns babacas debochando de vocês. Edmundo morava no Bom Fim. [...] Ele morava num prédio de dez andares chamado Village Garden. Ao chegar, você apertou a campainha e esperou. Pessoas passavam por você na rua e te olhavam. Ninguém respondeu no interfone. Você apertou novamente. Nada. Decidiu ficar ali na frente do prédio e pensou que ele poderia ter saído com a mãe dele. No entanto, em minutos surgiu o policial da Brigada Militar ao seu lado dizendo para você circular que ali não era lugar para pedir coisas.” (TENÓRIO, 2020, p. 121)

As figuras da juventude negra social e espacialmente periférica, desde sua situação de raça e classe no quadro social do país, e o que implica em suas trajetórias particulares, também são centrais em *Os supridores*, de José Falero (2020). Dois jovens na casa dos vinte e poucos anos, Pedro e Marques vão construindo, de modo implicado e implicando, suas vivências em Porto Alegre entre a área central e a periferia da cidade. Mediante a falta de oportunidades de alcançar condições de vida dignas, os personagens optam por buscar tais condições na renda obtida pela venda de drogas, mas não qualquer droga, somente maconha e com um esquema horizontal com todos envolvidos ganhando o mesmo. O esquema propicia a realização dos humildes sonhos dos envolvidos, como melhorar as condições de suas casas, comprar um carro e ter tempo fora do trabalho para família e lazer. Contudo, a guerra por território entre as grandes facções engole o esquema simples encabeçado por Pedro e Marques. Os lugares da ação desta trajetória são descritos em minúcias e as relações com o entorno vão tecendo a cidade em suas características sócio-espaciais. A centralidade da dimensão espaço-territorial é tamanha em Falero (2020) que deixa a posição de receptáculo da ação para dar forma a ação em dois territórios em especial das classes populares, a Vila Planetário, em que se concentra parte da ação relacionada a comercialização de drogas, e a Lomba do Pinheiro, bairro periférico que faz limite com o município de Viamão, onde Pedro mora; e outro das classes dominantes, o bairro Santana. A Vila Planetário, localizada no interior

do bairro Santana, estabelece uma relação de oposição complementar entre a vila, no caso um conjunto habitacional popular construído onde antes havia uma favela como efeito de políticas urbanas de diminuição das desigualdades de governos municipais socializantes nos anos de 1990, e o tradicional bairro de classe média na área central.

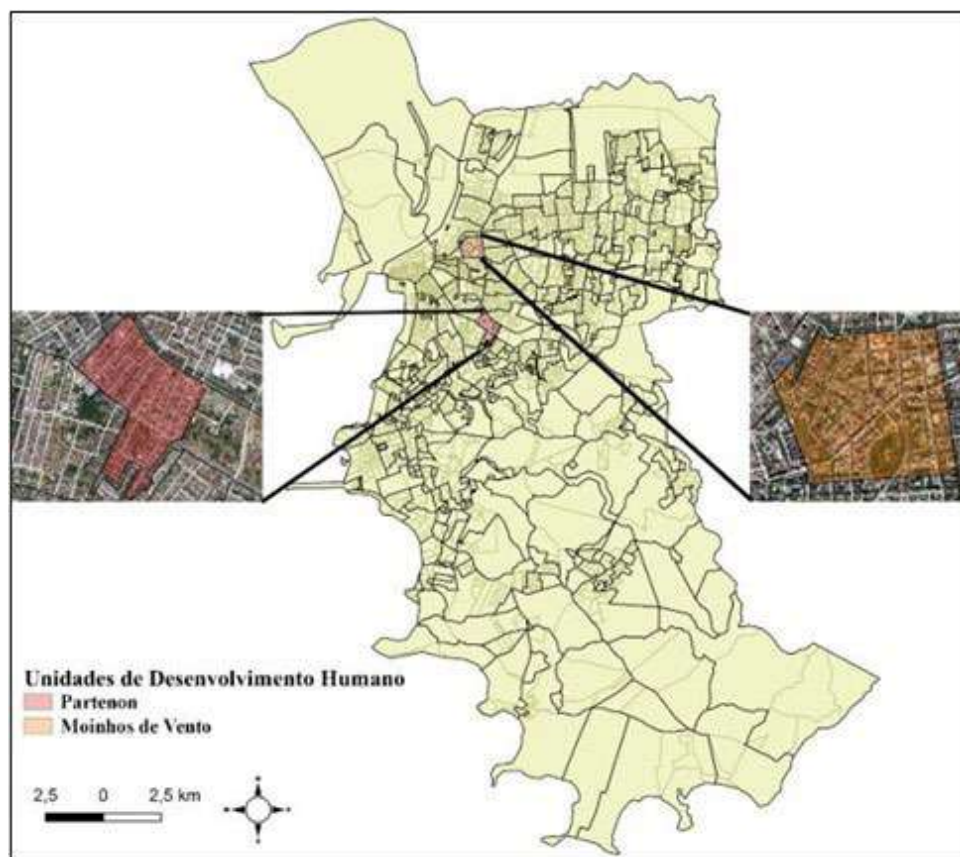
“Da Avenida Ipiranga até o Parque Farrroupilha, os prédios do Bairro Santana se erguiam a boa altura, com elegância e altivez. E, curiosamente, os habitantes de tais edifícios pareciam ter absorvido um pouco de sua personalidade: a exemplo das torres de concreto e aço, também os moradores de carne e osso a tudo olhavam de cima, sobranceiros. As ruas dali eram tranquilas, aristocráticas. E limpas: percebia-se nelas todo esmero do serviço público de limpeza, que, verdade seja dita, não passava suas vassouras em qualquer chão...varria-se apenas as regiões como aquela, onde a maioria das pessoas eram rosadas, onde se falava o mais anasalado porto-alegrês, onde os animais de estimação tinham pedigree.” (FALERO, 2020, p. 164).

O contraste entre bairro e vila fica colocado de modo explícito em termos das tipologias habitacionais, tipos humanos, prosódia, serviços urbanos, vestuário.

Descrevendo informações

Desde os discursos de descrição territorial consagrados no campo científico, apresenta-se os lugares destacados nas narrativas através de mapas, dados demográfico-estatísticos e da morfologia urbana capturada por fotografias. Recorre-se também ao recurso de análise comparativa entre os lugares instaurados nas obras para visibilizar as desigualdades existentes.

Em Marrom e Amarelo de Paulo Scott (2019) o lugar das classes populares é o Xis do Bodinho que se encontra na UDH Partenon: Partenon Tênis Clube, resultante da agregação de 15 setores censitários conforme podemos aferir no Mapa 1. Apesar de se encontrar na metade Norte do município de Porto Alegre, o bairro Partenon é tradicionalmente identificado pela população como componente da chamada zona Leste, porção do município que separa as zonas Norte e Sul, associada ao conjunto de morros que corta diagonalmente o município.

Mapa 1 - Marrom e Amarelo, Partenon e Moinhos de Vento

Fonte: Atlas, 2021.

A UDH Partenon: Partenon Tênis Clube, apresenta uma população total de 7.892 habitantes, sendo destes 6.671 residentes autoidentificados como brancos e 1.196 residentes autoidentificados como negros (soma de pretos e pardos) e ainda 25 amarelos e 3 indígenas, compondo assim um percentual de 84,53% da população autodeclarada como branca e 15,12% autodeclarados como negros. Na dimensão de renda a UDH Partenon: Partenon Tênis Clube apresenta uma renda per capita média de R\$ 2.028,95¹ mensais, localizada na faixa de rendimentos intermediários, acima da renda per capita média mensal do município de Porto Alegre de R\$ 1.758,27. A paisagem da esquina da Rua Humberto Campos com a Avenida Bento Gonçalves (Imagem 1), entorno da residência do protagonista Frederico, mostra usos mistos e padrões construtivos variados, com residências térreas e edifícios. O eixo viário da Avenida Bento Gonçalves de faixa dupla para cada sentido de deslocamento além de faixa exclusiva para ônibus tem alto volume de tráfego nos horários de pico, e divide o bairro entre parte alta dos morros do lado Sul que abriga as classes populares e no lado norte as classes médias. Durante a noite a Avenida Bento Gonçalves ainda tem trechos mal iluminados com pontos de prostituição.

¹ As cifras monetárias utilizadas na pesquisa são de valores correntes em 2010 não corrigidos por variáveis.

Imagem 1 - Esquina da Rua Humberto Campos com a Avenida Bento Gonçalves no município de Porto Alegre



Fonte: Google Street View, 2021.

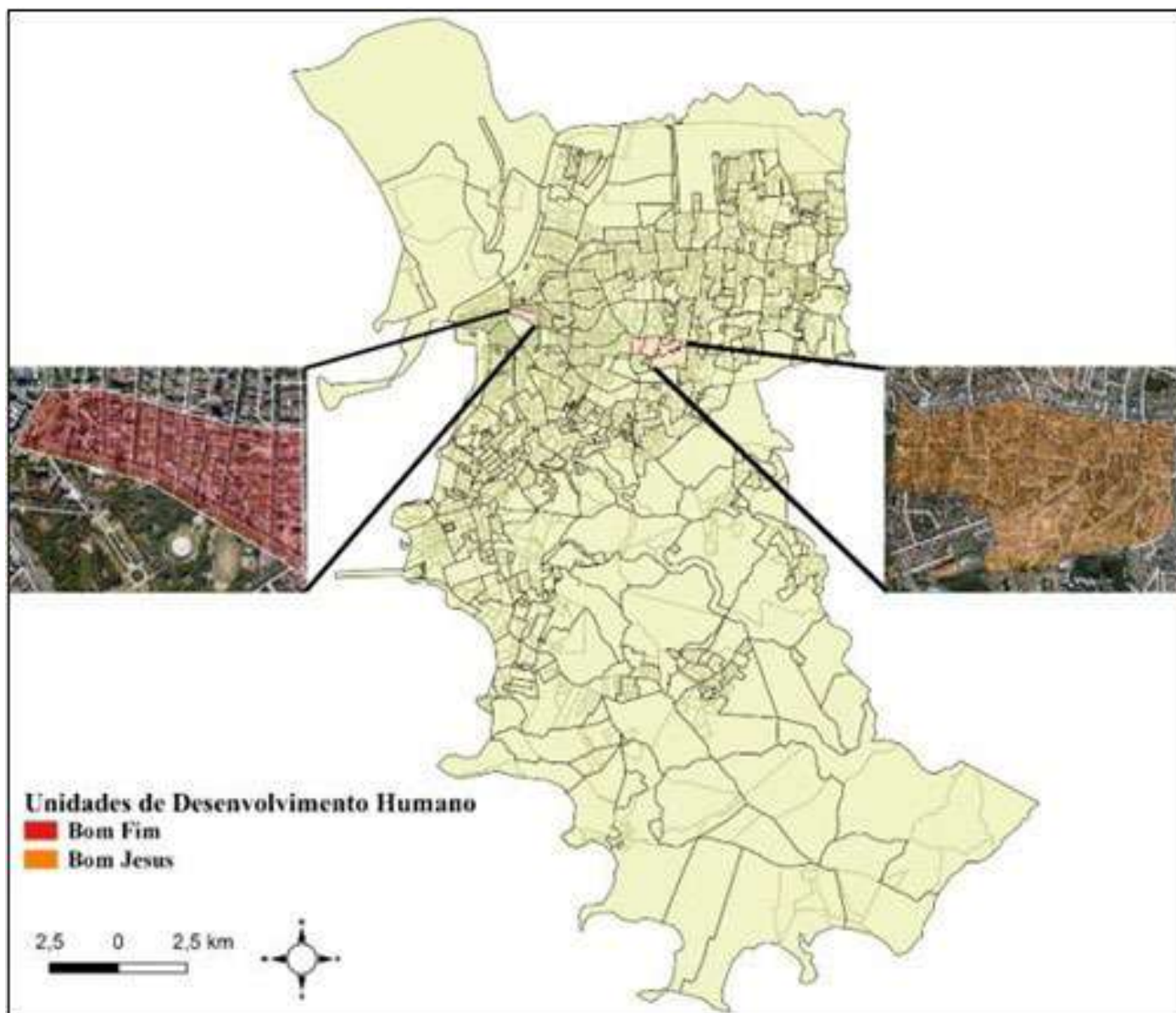
Enquanto o espaço das classes dominantes é identificado por ser lugar onde a negritude causa mais espanto, o clube social Associação Leopoldina Juvenil, localizado na UDH Moinhos de Vento (com 16 setores censitários agregados). A população total da UDH é de 7.264 residentes, tendo 7.028 autodeclarando-se como brancos, correspondendo a 96,75% do total de residentes; população negra com 186 residentes, representando 2,56%; amarelos correspondem a 46 residentes; e nenhum indígena. Espaço quase exclusivamente branco. A renda confirma a tendência de correlação entre maior renda média e a autodeclaração étnico-racial como branco. A UDH Moinhos de Vento apresenta uma renda média per capita de R\$ 7.216,42 mensais, maior renda média per capita mensal do município de Porto Alegre, superando-a em mais de R\$ 5.000,00. Um padrão construtivo com usos mistos e variados típicos das zonas de alta renda, como os prédios espelhados defronte a parte da fachada do clube que ocupa por inteiro um quarteirão do bairro, marca a paisagem (Imagem 2). Apesar do fluxo intenso de veículos, as vias com usos mistos tornam o espaço público praticável. O cotidiano do bairro também abriga uma constante e amistosa presença policial.

Imagem 2 - Esquina da Rua Félix da Cunha com a Rua Marquês do Herval no município de Porto Alegre



Fonte: Google Street View, 2021.

Em *O avesso da pele* (TENÓRIO, 2020), o lugar das classes populares onde se perpetuam atos de violência racial, não só praticado pela polícia, mas também pelos próprios moradores na Vila Bom Jesus. O bairro extenso se encontrava na periferia urbana e foi nucleado por um conjunto de vilas. O abandono estatal está materializado na precariedade e ausência de infraestruturas urbanas e na constante expansão e adensamento das ocupações autoconstruídas. Hoje a Vila se vê circundada pela expansão de condomínios verticais destinados às classes médias. Como na periferia das grandes e médias cidades no mundo, a confluência entre abandono estatal com precariedade das condições de vida das classes populares tornou o bairro terreno fértil para a implantação do crime, primeiramente de roubo, em especial roubo de cargas, e nas últimas décadas com o tráfico de drogas. A violência da desigualdade se soma a violência das operações policiais guiadas pela ineficaz guerra às drogas. No Mapa 2 podemos observar a localização na zona Norte do município de Porto Alegre das seis UDH que compõem o bairro Bom Jesus.

Mapa 2 - Aveso da Pele, Bom Jesus e Bom Fim

Fonte: Atlas, 2021.

As seis UDH que compõem o bairro agregam 39 setores censitários somando uma população total de 26.729 habitantes, sendo destes 15.722 autodeclarados como brancos; 10.851 autodeclarados como negros (pretos e pardos segundo classificação do IBGE); 87 autodeclarados amarelos; e 59 autodeclarados indígenas, compondo assim um percentual de 58,82% da população total autodeclarada como branca e 40,59% autodeclarada como negras. No indicador de renda média per capita, a mais elevada corresponde a R\$ 2.185,42 mensais na UDH Bom Jesus São Mateus, e a mais baixa corresponde a R\$ 414,60 mensais na UDH Bom Jesus Vila Mato Sampaio/Divinéia/Fátima. A média entre as seis UDH da renda média per capita mensal é de R\$ 1.415,95, abaixo do

município (R\$ 1.758,27). Enquanto a UDH Bom Fim (21 setores censitários), tem 9.450 habitantes, sendo destes 8.847 autodeclarados como brancos, correspondendo a 93,61% do total: autodeclarados negros 539 pessoas, ou 5,70% do total; amarelos 46 indivíduos; e 15 indígenas. Com renda média mensal per capita de R\$ 3.591,85, mais que o dobro do município (R\$ 1.758,27).

O bairro Bom Jesus possui grandes dimensões e as nuances que o caracterizam tornam complexa sua apreensão em foto, toma-se assim uma vista aérea (Imagem 3), permitindo a exploração de alguns elementos da vila e entorno. O relevo íngreme, por certo retardando o loteamento da área, permitiu as ocupações se tornarem elemento de caracterização do bairro. O padrão construtivo dominante é de casas de alvenaria sem revestimento, dispersas de forma desordenada e sempre muito próximas fisicamente. No alto da imagem já se observam construções mais recentes de edifícios de apartamentos habitados por outros grupos sociais que não os ocupantes tradicionais da área.

Imagem 3 - Ruas da Bom Jesus



Fonte: Eduardo Beleske/PMPA.

O Bom Fim aparece como referência espacial de violência policial contra o personagem de corpo negro. A Avenida Osvaldo Aranha e seu conjunto de palmeiras que delimitam a pista exclusiva para rodagem de ônibus do transporte público (Imagem 4), são elementos reveladores do urbanismo na construção da via. As construções à direita, em primeiro plano, mesclam resquício de casarões e edificações com poucos pavimentos geralmente de uso comercial no térreo e residencial nos demais andares, com edificações com um maior número de pavimentos exclusivamente comerciais ou residências, já do último quartil do século XX ou mais recente, e ainda construções desvelando um processo de verticalização.

Imagem 4 - Avenida Osvaldo Aranha no bairro Bom Fim

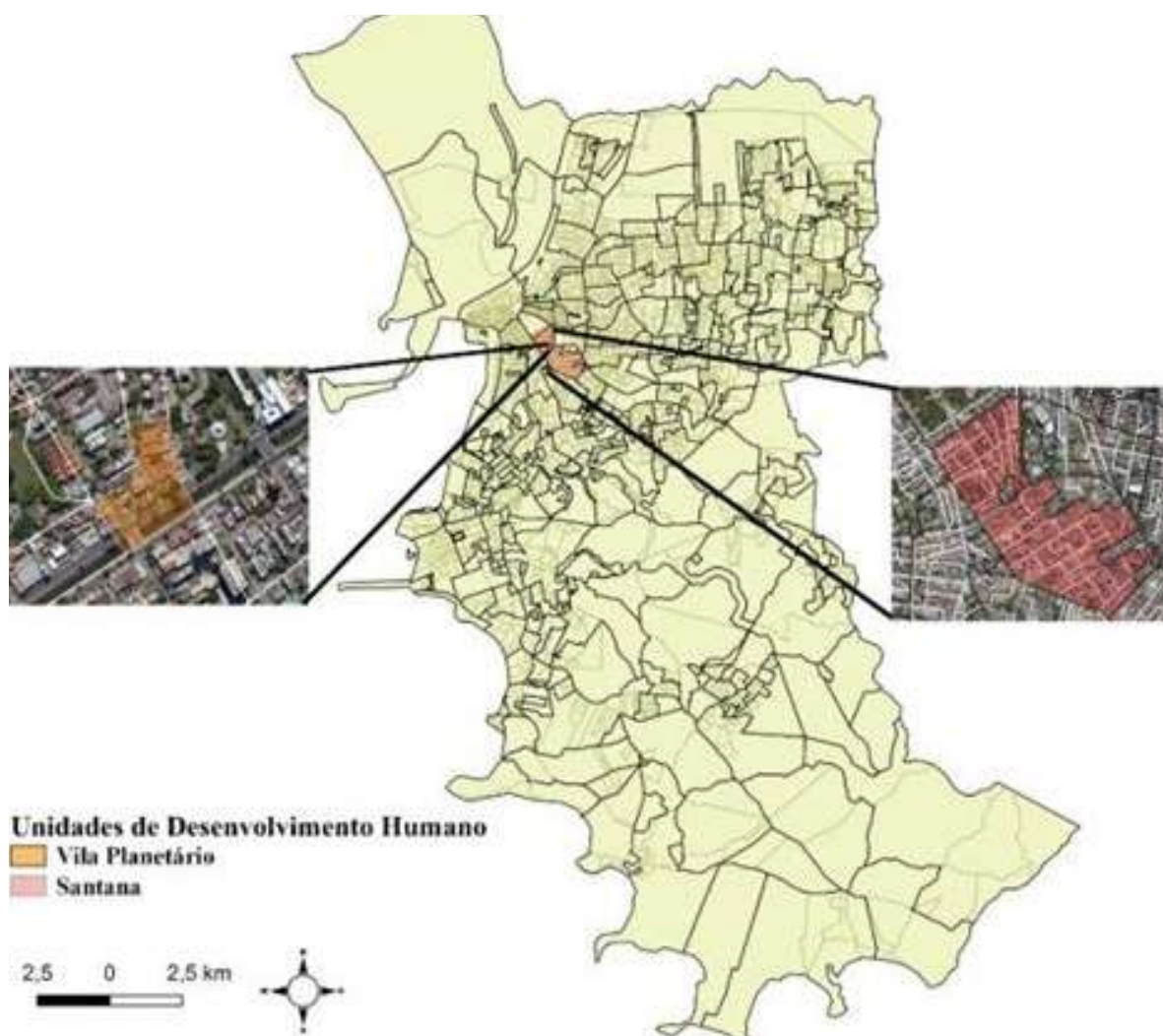


Fonte: Joel Vargas/PMPA.

Em *Os supridores* (FALERO, 2000) os lugares também aparecem com precisão e descrição, apresentando até mesmo mapas de ações. Um dos locais identificado como das classes populares é a Vila Planetário na UDH Santana: Vila Planetário, composta de apenas um setor censitário, demonstrando não só coesão e homogeneidade espacial,

como também social. A composição étnico-racial da população residente de 316 auto-declarados brancos correspondendo à 57,77%; e 231 autodeclarados negros correspondendo à 42,23%, totalizando 547 residentes, sem o registro de autodeclarações como amarelos ou indígenas, maior participação percentual de autodeclarados negros dentre as UDH's estudadas. Já a UDH Santana que corresponde ao lugar das classes dominantes se estrutura étnico-racialmente com a presença de 20.102 autodeclarados brancos, correspondendo à 91,69% do total de 21.922; os autodeclarados negros são 1.714 residentes ou 7,82% do total; indígenas são 28 e amarelos 78 somando menos de 1%. A renda da UDH Santana Vila Planetário tem renda média mensal de R\$ 846,68, não chegando a metade do valor da renda média mensal do município. Enquanto isso, na UDH Santana a renda média mensal atinge R\$ 2.955,83, mais de mil reais acima da renda média mensal municipal. A posição geográfica das duas UDH's aqui apresentadas pode ser vista no Mapa 03.

Mapa 03 - Os supridores, Vila Planetário e Bairro Santana



Fonte: FALERO, 2000

Elementos que consideramos definidores da Vila Planetário, um dos lugares das classes populares na obra de Falero (2020), a morfologia (arruamento e lotes) se diferencia do restante da malha viária do bairro (Imagem 5), remetendo à gênese deste enclave popular circundado por um bairro que abriga, como demonstrado nos dados estatísticos-demográficos, as classes dominantes. A Vila Planetário é fruto de um projeto pioneiro que visava a regularização e não a remoção de comunidades em situação de informalidade fundiária no município de Porto Alegre datado da década de 1990. Esse histórico explica também o conjunto arquitetônico de casas geminadas comum aos conjuntos habitacionais e que com o tempo vão sendo adaptadas às necessidades dos moradores. Outro elemento caro a este território são as grandes embalagens de resíduos sólidos que ocupam calçadas e ruas, uma vez que a coleta de materiais para reciclagem é uma das principais atividades ocupacionais dos moradores.

Imagem 5 - Becos internos da Vila Planetário



Fonte: Google Street View, 2021.

O cruzamento entre as ruas Santana e a Jerônimo de Ornelas, um dos mais movimentados do bairro, aparece com recorrência nas ações das personagens. Na paisagem prédios altos, ruas largas, limpeza urbana em dia, espaços de lazer presentes e conservados são denunciados em *Os supridores* (2020) como privilégios de poucos e brancos cidadãos.

Imagem 6 - Cruzamento das Rua Santana e Jerônimo de Ornelas

Fonte: Google Street View, 2021.

A segregação sócio-espacial racializada em Porto Alegre

Nesta seção se apresenta as territorializações mais significativas das obras, desde dados sociodemográficos espacializados, em relação à estrutura espacial do território da cidade de Porto Alegre. Para constituir a análise da posição dos espaços das ações em relação à cidade, em (3.1) Distribuição espacial das territorializações, tem-se uma apresentação sumária das condições sociodemográficas das zonas e áreas da cidade estabelecidas enquanto UDH, visando permitir a seguir, em (3.2) Relação entre áreas das ações e a cidade, analisar as territorializações das ações em relação ao seu entorno e a posição socioespacial ocupada pelas territorializações das ações e entorno em relação à estrutura socioespacial da cidade.

Distribuição espacial das territorializações

No ano de 2018 a Pata Agência de Análise e Visualização de Dados, replicou o método do Mapa Racial de Pontos desenvolvido em 2013 por Dustin Cable, utilizando por base a autodeclaração étnico-racial coletada pelo Censo Demográfico de 2010 do IBGE (PATA, 2018). No Mapa Interativo da Distribuição Racial no Brasil, que espacializa os respondentes do Censo por setor censitário, permitiu o cálculo do Índice de Dissimilaridade, tomando-se a distribuição de dois ou mais grupos em um recorte amostral, no caso os municípios, e comparando-se com a distribuição destes mesmos grupos em segmentos internos a esta amostra, no caso os setores censitários. Como explicam Mariani et al. (2018), “imaginemos uma cidade que possui 10 setores censitários e é composta por 90%

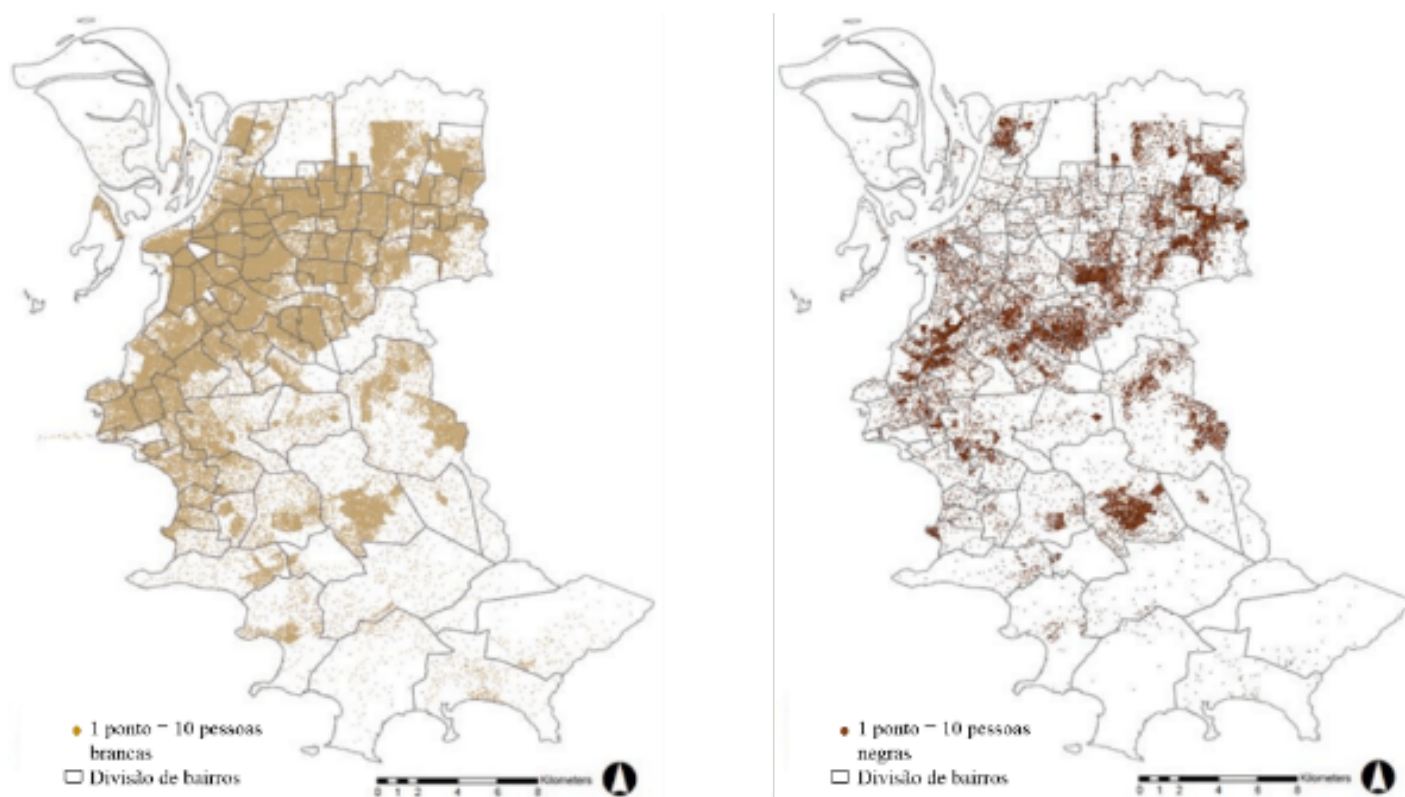
brancos e 10% negros. O índice será 100 se todos os negros estiverem concentrados em apenas um setor e todos os brancos nos demais; e será 0 (zero) se todos os setores censitários tiverem a mesma composição da cidade (no caso, 90% brancos e 10% negros)".

O município de Porto Alegre apresentou um Índice de Dissimilaridade de 38,9%, o maior entre as capitais dos estados e a capital federal, em relação aos 5.565 recenseados em 2010, figurando como o quinto município mais segregado racialmente do país (Mariani et al., 2018). Em comparação com o Mapa Racial de Pontos realizado com base no censo nacional estadunidense também de 2010, percebe-se que as cidades estadunidenses apresentam um índice mais elevado de dissimilaridade racial, atingindo 81,4% em Nova York e 75,5% em Miami, provável resultado da segregação racial legalmente institucionalizada que perdurou em certos estados do país até a década de 1960 (Mariani et al., 2018).

De modo curioso, mas não contraditório à constatação do maior Índice de Dissimilaridade entre as capitais, a Porto Alegre que instaura seu mito fundacional nos casais de imigrantes açorianos, e por isso era chamada previamente de Porto dos Casais, teve no ano de 2005 certificado pela Fundação Palmares o primeiro quilombo urbano do Brasil e é atualmente a capital com o maior número de quilombos urbanos autodeclarados, totalizando oito territórios que se encontram espalhados desde a área central até as periferias urbanas articulando-se em rede e com forte potencial reivindicativo. Em pesquisa recente Vieira (2017) demonstrou através de elementos geo-históricos do sítio fundacional da cidade, hoje circunscrito ao bairro Centro Histórico, a existência de múltiplas territorialidades negras, que paulatinamente foram sendo removidas ou apagadas pelos processos de modernização sempre intimamente relacionados a limpezas étnico-racializadas e de classe, tratado pela literatura também como branqueamento (SANTOS, 2020).

A população total do município de Porto Alegre somava no Censo de 2010, 1.401.960 habitantes, destes, 1.116.055 se autodeclararam brancos e 285.060 se autodeclararam negros, correspondendo assim, respectivamente 79,24% e 20,23% da população total destes grupos no município, composta ainda por 4.058 amarelos e 3.307 indígenas. Em escala nacional o recorte racial destes grupos da população correspondia 91.051.646 (48,47%) de brancos e 96.795.294 (51,53%) de negros. No Mapa 4, podemos observar a distribuição étnico-racial da população no município, segundo os dados censitários de 2010, onde podemos observar uma menor densidade de população negra nos bairros pericentrais da metade Norte e uma concentração nas periferias das áreas de ocupação mais adensada da cidade.

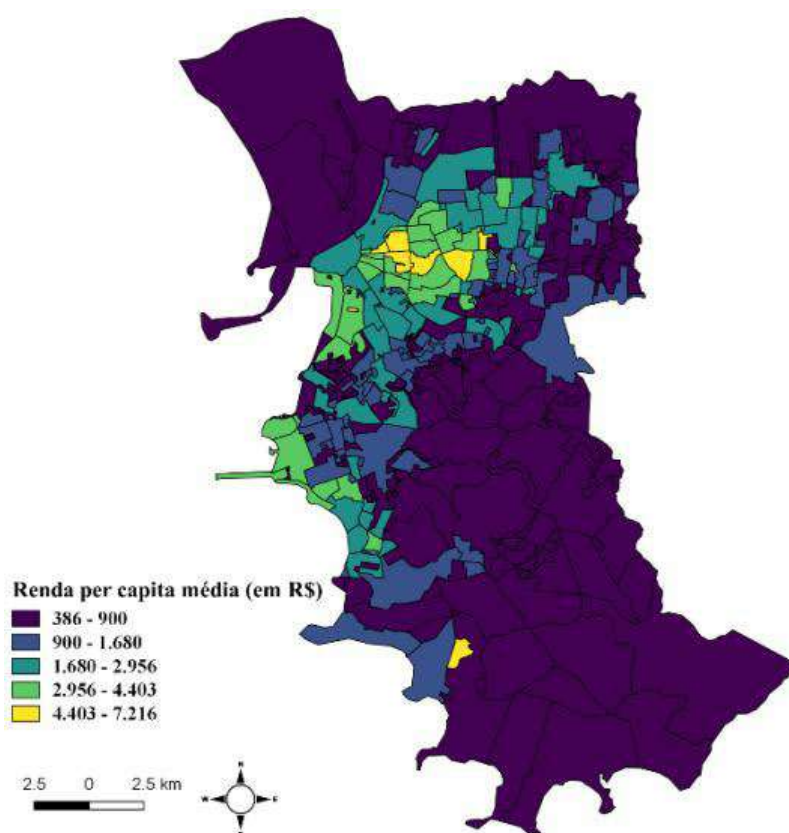
Mapa 4 - Distribuição espacial da população segundo desagregação étnico-racial, 2010



Fonte: Corrêa e Heck, 2019.

No indicador de renda per capita, ainda com base no censo de 2010 para o recorte do município de Porto Alegre a população branca detinha o valor médio de R\$ 2.000,45 mensais, enquanto a população negra apresentava o valor médios de R\$ 760,54 mensais, ou seja, uma diferença de renda per capita mensal de R\$ 1.239,91, cerca de 60% maior a renda per capita mensal da população branca em relação a negra. Embora Porto Alegre apresentasse então renda per capita média local superior às médias nacionais para ambos os grupos étnico-raciais, que eram em escala nacional de R\$ 1.097,00 para a população branca e R\$ 508,89 para a população negra, observa-se que, apesar das médias locais serem superiores à nacional, a diferença entre a renda per capita média das populações brancas e negras na capital gaúcha é mais do que o dobro da diferença apresentada quando tomado o país como um todo (R\$ 588,11). Quando espacializamos o indicador de renda per capita para as UDH do município de Porto Alegre, percebe-se que exatamente aquela região do município que apresenta a menor densidade de população negra residente é a que concentra os maiores rendimentos médios per capita mensais, conforme podemos aferir no Mapa 5.

Mapa 5 - Distribuição espacial da renda per capita média no município de Porto Alegre através do recorte das UDH



Fonte: Atlas, 2021.

Como em grande parte do mundo a concentração das rendas per capita mais altas ocorre em uma pequena área central, no caso configurando um eixo dos bairros centrais em direção nordeste cercado por rendas mais baixas com grande área ao sul e sudeste e norte e nordeste formando um arco com os limites dos outros municípios que se alarga ao sul-sudeste e norte. Cabe ressaltar a presença de rendas per capita altas na orla do Rio Guaíba (oeste) que não alcançam os extremos sul e norte da cidade, além de UDHs no centro-sul junto à orla também com rendas médias e uma perdida renda alta, provavelmente derivada da implantação de condomínios privados, ao sul distante da orla. Outro detalhe relevante é que se tem um primeiro arco de renda baixa que chega até as proximidades da orla, em alguma medida interrompendo a ligação entre o eixo centro-nordeste e o centro-sul junto à orla.

Tal descrição corresponde quase precisamente a mesma encontrada no Mapa 4 Distribuição espacial da população segundo desagregação étnico-racial, 2010.

Relação entre áreas das ações e a cidade

Além das características étnico-raciais, de renda, morfologia, tipologia e funções urbanas apresentadas em 2.2 para os bairros colocados em tela desde o escopo analisado, interessa também, dada a relevância nas três obras e da relação intrínseca estabelecida entre níveis de violência e características sócio-raciais dos bairros, as diferenças nas notícias jornalísticas encontradas a respeito dos bairros.

O tradicional bairro burguês do Moinhos de Vento, embora eventualmente traga o problema da violência em níveis irrelevantes estatisticamente, em geral aparece no espaço público, tomado aqui desde notícias em veículos de imprensa tradicionais e de grande circulação na sociedade local, atualmente em versão digital, como lugar de atividades de lazer e consumo destinados a burguesia e classe média de renda alta.

Imagem 7 - Narrativa jornalística do bairro Moinhos de Vento

ÚLTIMAS DE MOINHOS DE VENTO

PARA OS AMANTES DE VINHOS

Winebar de Porto Alegre aposta em rótulos exclusivos com curadoria de especialistas

Na última segunda-feira, retornamos à Dionísia VinhoBar, restaurante de Porto Alegre que conta com 64 torneiras com diferentes rótulos. Na ocasião, curtimos um daqueles almoços agradáveis em que o pap...

NATALIA FRIGETTO - 27/05/2022 - 11 Min

vinho moinhos de vento

BAIRRO MOINHOS DE VENTO

Casa da década de 40 integra projeto de R\$ 50 milhões de residencial para idosos; veja imagens

Uma casa de 1946 no bairro Moinhos de Vento passará por obras e se transformará em parte de um empreendimento com apart-hotel para idosos. O projeto foi aprovado pela secretaria do Meio Ambiente, Urba...

LIANE GUERRA - 26/05/2022 - 7 Min

mercado imobiliário moinhos de vento empresas




Fonte: Gaúcha ZH.

Exclusividade e curadoria em winebar, disponibilizando para o consumo sofisticado vinhos particulares, torna-se notícia do bairro, ou a adaptação de residência luxuosa para casa de repouso para idosos, apresentado como residencial e com investimento propagandeado de milhões de reais (Imagem 7). Enquanto as notícias do Partenon enfatizam roubo e assassinato, reforçando a construção imaginária de bairro popular e, logo, violento e, assim, perigoso para o restante da cidade, discurso que legitima as incessantes intervenções cotidianas como as policiais ou definitivas como remoções e reassentamentos (Imagem 8).

Imagem 8 - Narrativa jornalística do bairro Partenon.

ÚLTIMAS DE PARTENON

14 de fevereiro

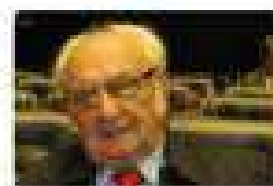
TENENTE VERDEALHO

VIDEO: policia divulga imagens de suspeitos de assassinar ex-vereador em Porto Alegre

A 1ª Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) divulgou nesta quinta-feira (17) imagens dos três suspeitos de terem assassinado o ex-vereador de Porto Alegre José Wilson da Silva, 89 anos. U...

ARTIGOS RELACIONADOS - TENDÊNCIAS - DESTAQUE

video partenon homicidio



14 de fevereiro

BAIRRO PARTENON

Criminosos rendem funcionários e roubam dinheiro de cofre em posto de combustíveis em Porto Alegre

Dois homens assaltaram a loja de conveniência de um posto de combustíveis na Avenida Bento Gonçalves, no bairro Partenon, em Porto Alegre, na madrugada desta quinta-feira (17). Eles chegaram ao local,...

ARTIGOS RELACIONADOS - TENDÊNCIAS - DESTAQUE

partenon



Fonte: Gaúcha ZH.

No Bom Fim, encontra-se notícia relativa à inovação e sustentabilidade, temas

absolutamente pertinentes a bairro central, com grandes e relevantes universidades públicas instaladas em seus limites, atendendo aos valores socioeconômicos e ideológicos da população de renda média-alta e branca que o habita e mesmo aqueles que apenas trabalham ou consomem no bairro (Imagem 9). Ou referência à comemoração de aniversário de tradicional lancheria, na icônica Av. Osvaldo Aranha, frequentada por jovens estudantes alternativos, intelectuais, moradores do bairro e visitantes, estes em especial aos domingos polarizados pelo Parque da Redenção, reforçando a ideia de um bairro da elite cultural e criativa com traços da antiga boemia (Imagem 9).

Imagem 9 - Narrativa jornalística do bairro Bom Fim



Fonte: Gaúcha ZH.

Em relação ao bairro Bom Jesus onde está a Vila Bom Jesus, tem-se a violência policial, entre facções, das facções para com os moradores e entre força policial e as facções como é possível observar nas manchetes (Imagem 10), porém os territórios em que essas violências são postas em ação são onde a predominância de moradores é negra e com baixo rendimento, mesmo que se saiba que não é essa população que comanda as facções, nem a polícia e sequer é a principal consumidora das drogas que supostamente são o centro dos conflitos.

Imagem 10 - Narrativa jornalística do bairro Bom Jesus



Fonte: Gaúcha ZH.

O bairro Santana posicionado por Falero em Os Supridores (2020) como lugar das classes dominantes apresenta, a partir da construção da narrativa jornalística (Imagem 11), problemas de infraestrutura urbana que estão presentes e com maior profundidade em bairros de classes populares, porém nestes, em geral, não são notícias. A branquitude parece intrínseca a condição de classe dominante ao defender a manutenção de privilégios, tornando-se a falta de infraestrutura urbana problema noticiável.

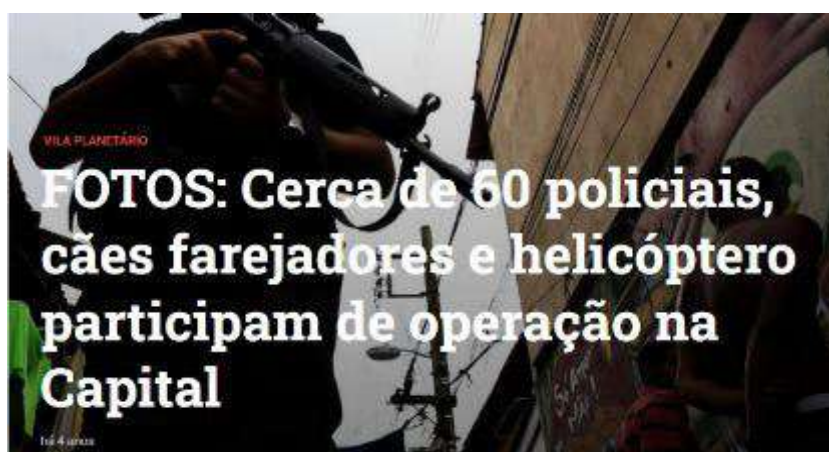
Imagem 11 - Narrativa jornalística do bairro Santana



Fonte: Gaúcha ZH.

A Vila Planetário, circundada pelo bairro Santana, tem da cobertura jornalística a mesma postura apresentada na narrativa d'Os supridores, da relação entre moradores do bairro Santana com os moradores da Vila, em que os primeiros ignoram a existência do núcleo popular e seus moradores. O resultado da busca no consagrado portal de notícia trouxe apenas uma (1) reportagem (Imagem 12) sobre a criminalidade. Passa ao largo o legado de pioneirismo da Vila em processo de regularização e manutenção dos moradores de baixa renda em áreas centrais da cidade, bem como as ações desenvolvidas pela comunidade na distribuição de alimentação para moradores de rua, agricultura urbana, além de arrecadação de alimento e confecção de máscaras e diversas ações de emergência realizadas durante o período pandemia de COVID-19.

Imagem 11 - Narrativa jornalística da Vila Planetário



Fonte: Gaúcha ZH.

Considerações finais

Se tomarmos os espaços populares apresentados nas três obras em foco, os territórios do Partenon, Bom Jesus e Vila Planetário sem exceção estão localizados exatamente naqueles com maior densidade de população negra e menor renda média mensal per capita. Enquanto os bairros aburguesados do Moinhos de Vento, Bom Fim e Santana com maior densidade populacional branca e maiores rendas médias mensais per capita.

Cabe ressaltar a especificidade da estrutura urbana das cidades brasileiras em que bairros tradicionais destinados à classe média em sua fundação se tornam, ao longo do tempo e da polarização urbana pelas grandes e, mais recentemente, médias cidades, bairros populares com características de periferia, em particular em zonas a princí-

pio pouco atrativas à urbanização como zonas alagadiças ou alto de morros e encostas, como no caso do Partenon. Bairro originariamente destinado à classe média passou ao longo de sua ocupação a ter características populares na parte alta de morros e nos limites leste-sul-sudeste e mantendo-se com perfil de classe média a oeste e norte. Por outro lado, o bairro Santana, tipicamente de classe média em área central, apresenta em seu interior resquícios da ocupação popular, em muitos casos derivado de sua posição fora do centro, como é o caso da Vila Planetário, área de loteamento popular conquistada pelos moradores nos anos de 1990 onde antes havia uma favela bastante precária. A expansão da área central, nesse caso, serve para compreender a permanência de áreas populares no interior do bairro de classe média. Embora mais distante da área central, o Bairro Bom Jesus teve dinâmica similar em que a expansão urbano-metropolitana no eixo nordeste foi cercando as grandes áreas originalmente de ocupação popular, deixando a Vila Bom Jesus no centro de uma ocupação típica de classe média, em especial a oeste e leste-sudeste.

O bairro Bom Fim, tipicamente de classe média de renda média-alta, predominantemente branco, historicamente entorno ao centro e hoje conturbado à área central da cidade, foi ao longo do tempo se estabelecendo como bairro aburguesado sem áreas populares e cercado de bairros de perfis semelhantes; enquanto o Moinho de Ventos, embora alterações recentes de uso com a inserção de shopping center e atividades comerciais voltadas às classes médias de renda média-alta e burguesia, mantém sua característica histórica de tradicional bairro burguês da cidade com população negra quase residual e rendas médias-alta e alta.

Os fragmentos de cidade que se instauram a partir das narrativas literárias das obras Marrom e Amarelo de Paulo Scott (2019), O Averso da Pele de Jeferson Tenório (2020) e Os Supridores (2020) de José Falero tensiona o senso comum que aponta as cidades da região Sul do Brasil como semelhante às cidades europeias. Semelhança hipoteticamente marcada, para além do clima subtropical, pelo legado arquitetônico e étnico-cultural das ondas de imigração alemã e italiana, pretensamente responsáveis pelo povoamento e desenvolvimento da região com traços particulares em relação ao restante do país. Como componentes de um movimento recente que populariza as heranças afro-indígenas da Região Sul, as obras literárias em análise visibilizam as relações sujeito-cidade pouco reconhecidas no discurso urbanístico hegemônico. Revelam também a dimensão histórica e contemporânea do *modus operandi* racista da sociedade brasileira e como este se reproduz nos conteúdos simbólicos e materiais do espaço urbano, reservando às populações negras a exclusão, a exploração e a violência.

A literatura ficcional simultaneamente apresenta a segregação socioespacial racializada, pouco reconhecida na cidade de Porto Alegre, quanto reforça as áreas popu-

lares como marcadas pela violência; assim como ações racistas no domínio de bairros aburguesados.

Referências

- ATLAS. **Atlas Brasileiro do Desenvolvimento Humano**. 2021. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/consulta>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BECKER, H. **Falando de sociedade: ensaios de diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revista do Depto. de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 2012 [1972]. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004 [1993]. 283 p.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017 [1957]. 380 p.
- CARDOSO, F. H. **Pensadores que inventaram o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CORRÊA, L. X; HECK, A. R. **Segregação Racial: O lugar do negro em Porto Alegre/RS - O bairro Rubem Berta**. In: XVIII ENANPUR, Natal, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anaisadmin/capa-pdf.php?reqid=898>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- FALERO, J. **Os supridores**. São Paulo: Todavia, 2020.
- GAMALHO, N. P; HEIDRICH, A. L. **Periferia: A Produção Do Espaço E Representações Sociais No/Do Bairro Restinga – Porto Alegre/RS**. Revista Para Onde? v. 2 n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/22077>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- HAESBAERTH, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- JAY, M. **Relativismo cultural e a virada visual**. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 10, 14–29, 2003. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.10.14-29>
- KUSTER, E. **Comemorar na cidade: Clarice Lispector, Rubem Fonseca e suas felicidades urbanas**. Rio de Janeiro: Revista Rio de Janeiro, n, 20-21, jan.dez. 2007.
- MARIANI, D. et al. **O que o mapa racial do Brasil revela sobre a segregação no país**. São Paulo: Jornal Nexo, 2018. Disponível em: <https://controversia.com.br/2018/01/29/o-que-o-mapa-racial-do-brasil-revela-sobre-a-segregacao-no-pais/>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- MARZULO, E. **Os pobres da favela e cité no cinema: Cidade de Deus e L'Esquive**. Porto Alegre: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, PUC do Rio Grande do Sul, 2004.
- MARZULO, E. **Espaço dos pobres. Identidade territorial na modernidade tardia**. Tese de doutorado em Planejamento Urbano e Regional - Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p.306, 2005.
- MARZULO, E. **Metrópole e classe: crítica ao conceito de segregação sócio-espacial**. Buenos Aires: XX-

VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009.

PATA. **Mapa Racial**. 2018. Disponível em: <https://patadata.org/maparacial/imprensa.html>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PECHMAN, R. **A cidade não é aquilo que se vê do Pão de Açúcar: Narrativas urbanas em Rubem Fonseca**. Vitória da Conquista: REDISCO v. 12, n. 2, p. 149-161, 2017.

PESAVENTO, S. J. **Os sete pecados da capital**. Porto Alegre: Hucitec, 2008. 455 p.

PESAVENTO, S. J. **Lugares malditos**. Revista Brasileira de História [online]. 1999, v. 19, n. 37, p. 195-216. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000100010>. Acesso em: 24 jun. 2021.

SANTOS, R. E. dos. **A questão racial e as políticas de promoção da igualdade em tempos de golpe: inflexão democrática, projetos de nação, políticas de reconhecimento e território**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 42, v. 4, p. 200-224, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7877>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SCOTT, P. **Marrom e amarelo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000 [1977].

TENÓRIO, J. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIEIRA, D. M. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. Dissertação de mestrado PosGea-UFRGS. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>. Acesso em: 22 jul. 2021.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo; Companhia das Letras, 2008.

WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico; investigações filosóficas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2002 [1921].

Sobre os autores

Eber Pires Marzulo - Sociólogo, Doutor em Planejamento Urbano e Regional, Professor no Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FA-UFRGS) e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS). <https://orcid.org/0000-0001-5965-4891> **eber.marzulo@ufrgs.br**

Leonardo Oliveira Sassi - Geógrafo, Mestrando em Planejamento Urbano e Regional no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS), <https://orcid.org/0000-0002-4811-6518> **leonardo.o.sassi@hotmail.com**